

Instituições Burguesas e Autogestão Social

Daniel Barboza*

Introdução

O presente texto tem por objetivo analisar as políticas representativas no interior da sociedade capitalista, bem como, expor as vias que podem vir a ser utilizadas para driblar as determinações opressivas da sociedade burguesa. Trata-se de uma análise feita sobre as ideologias dominantes que obscurecem cada vez mais a realidade social da classe proletária, na medida em que também, deixam cada vez mais expostas as suas fragilidades estruturais (organizacionais) ao tentar tratar de forma homogênea os interesses antagônicos de classe. Para construir um pensamento crítico e reflexivo sobre as políticas institucionais que nos regem, precisamos antes compreender o contexto social em que elas surgem, assim como o papel que desempenharam em nosso meio. Deste modo a análise da história torna-se indispensável para a discussão entre partidos políticos, sindicatos e conselhos de fábrica. Para melhor compreensão do tema, o artigo foi dividido em três partes: na primeira parte será feita uma análise sobre os partidos políticos e a ideia de representação, na segunda abordaremos os sindicatos e a influência que exercem no amortecimento das lutas trabalhistas. Por fim, na terceira e última parte discutiremos a questão da organização em conselhos de fábrica como expressão da classe trabalhadora diante das determinações unilaterais das políticas dominantes.

Quando mencionamos a palavra partidos políticos, logo nos vêm ao pensamento algumas associações, como competição, corrupção, falsidade, fraude; ou até mesmo um grupo independente de pessoas que se auto estabelecem para formular e reformular leis, estabelecer metas e regras para o funcionamento da sociedade. No fundo, realizam aquilo que Durkheim chamou de funcionalismo. Para esse autor a sociedade deveria funcionar como um grande organismo, e para que esse organismo se mantivesse vivo precisaria ser funcional, ou seja, cada parte deveria cumprir bem o seu propósito, a sua função, assim como os órgãos no corpo humano; a diferença é que dentro da natureza biológica temos um movimento involuntário do organismo, o que não acontece com a sociedade, que se desenvolve dentro dos moldes voluntários, ou seja, de acordo com a imposição de leis, e regulamentações externas. No caso dos partidos políticos, muitas vezes não nos preocupamos com a sua finalidade em nosso meio. Ao analisarmos a história, podemos

* Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas América Latina em Movimento.

perceber que há uma frequência elevada nas trocas representativas dentro das políticas dominantes. No atual modelo representativo, os partidos políticos são institucionalmente introduzidos no meio social por meio de sistemas burocráticos, que facilitam a dominação econômica e política da classe burguesa.

As políticas dominantes dividem a sociedade tal como defendeu Durkheim em um grande organismo, em diferentes cargos e funções, deste modo, acabam por gerar inúmeras hierarquias, que possibilita ao homem cultivar a terra para além do alcance dos seus braços. As políticas partidárias têm como figura de centro o político profissional, que se elege para cumprir com as finalidades políticas e necessidades do capital. Para que os partidos políticos se assegurem como representantes da verdadeira democracia no meio social, precisam persuadir a classe operária de estar trabalhando a seu favor, quando na verdade, o que fazem é alienar essa classe para que não observem a exploração que sofrem.

Viana (2006) destaca que os partidos políticos agem guiados por interesses próprios e de partido. O autor ainda destaca que tanto os partidos de esquerda como os de direita não objetivam a construção ou a implantação de uma ação conjunta em benefício de todos aqueles que participam do convívio social (trabalhadores assalariados, mendigos, sem tetos, desempregados, subempregados etc.). As intenções e ações de ambos partidos contemplam apenas aqueles que já são beneficiados pelo atual sistema (grandes empresários, grandes industriais, donos de bancos, grandes corporações etc.).

Deste modo, os partidos políticos funcionam de maneira estratégica no interior da sociedade, em defesa dos interesses econômicos e políticos da burguesia. As instituições representativas tornam-se uma ferramenta extremamente eficaz na produção e reprodução de ideologias, pois essas instituições têm por objetivo fragmentar todas as relações sociais, para que se desenvolvam as relações de estado, que realiza o intermédio entre uma classe e outra. Ao votar os eleitores fecham os cadeados do grande cerco que os envolvem, pois um representante não conhece o seu eleitor, não sabe das suas necessidades, e tão pouco pode atendê-las. Fica evidente que os partidos políticos, assim como os políticos profissionais não possuem vínculo algum com seus representados; no entanto, conhecem muito bem os interesses do capitalismo que segue ferindo os interesses da classe trabalhadora, que é a todo o momento intermediada por um sistema que trás em sua artificialidade toda sua desumanidade.

Todo eleitor pode perceber que em tempos eleitorais são realizadas inúmeras promessas pelos candidatos, que não passam de manobras políticas ilusórias. O discurso

político-partidário jamais foi uma realidade na vida de bilhões de cidadãos que são em todos os anos políticos enganados com o mesmo discurso caluniador de transformação, é evidente perceber que em anos eleitorais o interesse essencial dos políticos e dos partidos não está em proporcionar condições dignas de vida para todos, e sim em assegurar a dominação entre as classes sociais.

O sistema dominante se organiza da seguinte forma. Por exemplo, o partido (A) discursa em favor determinados interesses econômicos, sociais, e políticos. O partido (B) visa outras necessidades diferentes das de (A). E o partido (C) apresenta outro discurso, diferente de (A) e também de (B). No entanto, independente do partido, ou de suas propostas ideológicas irão cumprir com a sua finalidade política, de manter a exploração do trabalho, e as diferentes formas de opressão. Em todo jogo partidário é perceptível a ideia de polaridade, que acaba por desenvolver um conflito maniqueísta no campo do discurso. Em regra, todos os partidos políticos acabam representando os interesses dominantes, pois qualquer que vença as eleições burocráticas irá cumprir com uma mesma função, terá a mesma finalidade, a mesma função social.

Deste modo, as propostas apresentadas pelos candidatos tornam-se meras falácias, mentiras, que são estudadas e treinadas para gerar impacto, comoção, e fazer com que as pessoas em êxtase o aceitem como algo verdadeiro. Uma vez que a opinião popular é acoplada a essas vias representativas, onde vigora os interesses dominantes, torna-se fácil conduzir toda uma sociedade. Acreditar que podemos chegar a transformação social por intermédio do sistema partidário-representativo que reduz os interesses coletivos de toda uma classe em um único voto, e que ainda é realizado de quatro em quatro anos de forma obrigatória, é acreditar na educação televisiva e na cultura de massa, que não possui ligação alguma com a realidade concreta, a não ser de alienação. De modo geral, a classe operária é sempre conduzida a aceitar o modelo de seleção de candidatos proposto pela classe burguesa, e são igualmente levados a crer que será possível alcançar uma transformação social significativa por estas vias. O que não é uma verdade.

As políticas partidárias não objetivam uma transformação significativa para a realidade social, pois seu objetivo é reformar e reformular as estruturas para que o atual sistema não entre em ruínas por completo. Na sociedade capitalista, a riqueza se desenvolve no mesmo nível que a pobreza e a miséria. Se a menor parcela da sociedade pode desfrutar de altos privilégios e a maior não, há então um acúmulo por parte de alguns que não pode vir de outro lugar a não ser da exploração do trabalho desses indivíduos que

não possuem privilégio algum. Os trabalhadores são os agentes responsáveis por toda produção de bens na sociedade capitalista. Ou seja, são responsáveis por toda a produção de riquezas, desde a retirada da matéria-prima da natureza, até sua modificação nos setores fabris, industriais.

Por meio da mercadoria se extrai o mais valor, ou seja, o lucro que é oriundo da exploração social e também dos investimentos em técnicas, maquinaria, etc. Apenas com a destruição das formas de organização do sistema econômico burguês será possível uma distribuição igualitária da produção, de toda renda. No atual modelo político, podemos escolher apenas entre o ruim e o péssimo, não há alternativa. Sem opções a classe trabalhadora segue sem ter uma educação de qualidade para os seus filhos, sem ter saúde, sem ter emprego, sem ter onde morar, e sem ter a quem recorrer.

As relações dentro de um partido se dão por meio de hierarquias, onde cada membro participante recebe uma função para garantir o bom desenvolvimento do sistema partidário e capitalista. Cada membro político integrante pode tanto ascender na hierarquia como regredir, de acordo com as normas e regras estabelecidas pelas lideranças do partido. “Cria-se, assim, no interior do partido, uma divisão entre dirigentes e dirigidos, entre chefes, líderes, por um lado, e massas, liderados, por outro. Estes dirigentes formam a burocracia partidária” (VIANA, 2006, p.14).

A hierarquia burocrática acaba por possibilitar uma posição “elevada” por parte desses representantes, que passam a perceber as suas relações de forma diferente de como as percebiam anteriormente, tanto às de trabalho como as que mantem com as pessoas mais próximas. Nesse sentido, ocorre uma alteração na psique do indivíduo mediante o novo status social. Inegavelmente, ele deixa de ter sentimento de pertencimento ao antigo grupo, e passa a corresponder aos interesses das novas relações, que o novo status lhe possibilitou. Corresponde também às perspectivas da nova rotina, condicionando-se aos novos contatos e redes de relacionamentos, diálogos, e burocracias que o distancia radicalmente daqueles que representa. “A elevação de um operário ao cargo de dirigente significa que ele alterou sua condição de classe e se tornou um burocrata. Existe uma ‘metamorfose psicológica’ nos indivíduos oriundos da classe operária quando eles chegam ao poder”. (VIANA, 2006, p.27)

Um exemplo ilustrativo é o caso do ex-presidente Luiz Inácio da Silva (Lula), que foi líder sindical dos metalúrgicos por apenas três anos, e passou desde então, a ter visibilidade dentro do campo trabalhista. Quando Lula deixou de ser um operário e passou a ser uma figura pública e política, todas as suas relações também se modificaram, como

resultado da nova rotina. Indubitavelmente, passou a realizar as atividades de um burocrata, manteve-se exposto as diversas propostas de corrupção, fraude, e privilégios, que a nova rotina pode lhe proporcionar.

Para Pannekoek (2011), os partidos políticos teriam a finalidade de apenas despertar nas massas uma clara consciência quanto a sua ação, e não de domina-la como ocorreu com o bolchevismo na Rússia. Lenin por defender as ideias de vanguardistas acabou estabelecendo diante da classe trabalhadora Russa os seus próprios interesses. Lenin acreditou que poderia chegar a uma revolução social articulando uma frente popular por meio de uma minoria de indivíduos (intelectuais) organizados em grupos (partidos) e que assim, poderia mobilizar a classe trabalhadora para a a sua ação revolucionária em oposição ao capitalismo. Lenin nos ensinou a maneira correta de como não se fazer uma revolução, pois como afirmou claramente Marx isso seria tarefa dos próprios trabalhadores.

Em essência, a ideia de Lenin contribuiu apenas para a reprodução dos seus interesses particulares enquanto indivíduo. A ideia de vanguarda obstaculizou drasticamente a teoria proposta por Marx no século XIX, que não objetivava uma ação com o fim em si mesma. Lenin coloca à frente da classe trabalhadora novamente uma elite, que exerceu uma ditadura partidária sobre ela. O discurso ideológico leninista se apresenta como um autêntico modelo revolucionário da classe proletária, mesmo não sendo. Pannekoek (1977) enfatiza que as burocracias partidárias só possuem um fim, tomar o poder e exercê-lo. Deste modo, não contribuem para emancipação da classe trabalhadora, pois sua meta é governá-la.

Buscarei a partir de agora identificar como a mesma lógica institucional-partidária se aplica, igualmente, aos sindicatos. Ambos, partidos políticos e sindicatos se estabelecem nas estratégias burguesas em ação conjunta, usando da mesma lógica, em favor do amortecimento dos conflitos de classe.

Os sindicatos surgem durante a revolução industrial no momento em que os interesses dos trabalhadores estavam sendo enterrados pelas fábricas com sangue e suor. Deste modo, os conflitos entre patrões e empregados na Inglaterra se acirravam, os sindicatos, inicialmente, foram criados pelos próprios trabalhadores para tratarem de assuntos que eram de interesse a classe. As organizações se davam de forma autônoma e direta. No início do capitalismo, a classe trabalhadora foi obrigada a enfrentar longas jornadas, em alguns períodos foram forçados a trabalharem até 18 horas diárias, e recebiam muito menos que o necessário para manterem as suas necessidades básicas de

subsistência, sendo assim, começaram a perceber que não era apenas um problema de ricos e pobres, de trabalhadores e máquinas, mas da exploração capitalista sobre o trabalho. A busca por altas taxas de lucro, de domínio em nome da lógica do acúmulo fez com que o homem ferisse sua própria natureza, a dominação do homem pelo homem obrigava pessoas a realizarem atividades esmagantes, mas a partir da modernidade em fábricas mal iluminadas, abafadas e sujas.

Na atualidade, podemos perceber que os sindicatos não possuem um objetivo claro de organização e luta como havia em seu surgimento, as lutas sindicais no princípio ocorriam sem o intermédio das burocracias sindicais, não havia uma hierarquia que separasse os trabalhadores das elites industriais. O que podemos evidenciar nos dias atuais são apenas pequenas modificações, reformas, reajustes, e algumas melhorias que nada alteram no modo de vida da classe operária, que sobrevive em condições cada vez mais precárias de trabalho e de vida.

Maia (2010) define que os sindicatos posicionam-se à frente dos operários, por isso não apresentam uma superação ou libertação da classe operária do trabalho alienado. A representação exercida pelos sindicalistas impede que os operários lutem por seus direitos de forma autônoma e direta. Destacando que os sindicatos têm por finalidade realizar a negociação entre trabalhadores, chefes de estado e capitalistas. É nítido perceber, nesse sentido, a funcionalidade que os sindicatos exercem em favor da reprodução dos interesses dominantes. Além de amortecerem os conflitos de classe, essas organizações sindicais no interior do sistema capitalista tornam-se mais uma ferramenta para reproduzir os interesses políticos da classe burguesa, que mantem a classe operária marginalizada das decisões políticas, obrigando-a a aceitar passivamente suas próprias determinações unilaterais.

A burocracia sindical assume então, a função de normatizar as relações de trabalho, mantendo o padrão dominante. É possível por meio da história perceber que apenas os produtores de mercadorias puderam interromper de forma significativa as relações de exploração da sociedade burguesa, pois tal sociedade só existe porque alguém a produz, e produz coletivamente, por meio dos modos de produção. A burguesia faz com que os trabalhadores não se percebam como produtores coletivos de mercadorias. A divisão social do trabalho gerou não só a fragmentação dos setores de trabalho, mas também as relações sociais de modo geral.

O trabalhador artesão que antes construía um sapato: cortava o couro, fazia as costuras, colava a sola, e por fim ainda vendia, na sociedade industrial irá realizar apenas

parte da produção, executando uma mesma função de forma repetitiva. Esse novo modelo de produção acabou por impedir que os trabalhadores se observassem como produtores de mercadorias, pois sua relação com o trabalho não se dava de forma total, mas fragmentada, o que acabou por alimentar as relações individuais e de consumo entorno da propriedade, do salário etc. A revolução social da classe trabalhadora tal como defendeu Marx tem haver com a paralização dos modos de produção, que conseqüentemente irá gerar a queda das demais relações dominantes.

Com os modos de produção estagnados o comércio e a economia deixam de funcionar, levando à falência todas as demais relações da sociedade burguesa, que organiza-se em um mundo paralelo, artificial. Visto que todas as relações na sociedade do consumo se dão por meio do comércio, da compra, venda, e troca de mercadorias. A ideologia capitalista acaba por gerar uma falsa consciência sobre a realidade do trabalho e da vida. Deste modo, os trabalhadores são a todo o momento intermediados por instituições abstratas que se constroem em seu meio. Sendo assim, a representatividade impede qualquer ação autônoma por parte da classe operária, pois estão sempre acatando ordens superiores. A representatividade exercida pelos sindicatos não apresenta um real interesse pela qualidade de vida ou pelo progresso dos trabalhadores, pois sua função é domina-los. Maia (2010) ainda destaca que se os representantes sindicais demonstrassem verdadeiro interesse pela transformação da realidade operária, sendo contrários a toda forma de exploração e dominação, não serviriam para tal cargo.

Os operários, de modo geral, não necessitam de mediadores para realizarem de forma eficaz suas atividades do dia-dia. Indubitavelmente, o trabalhador por perceber que é explorado resiste ao trabalho, o patrão em contrapartida, explora o trabalhador para que ele não resista ao trabalho forçado. Certamente, só há resistência por esta classe ser mal remunerada. Se houvesse uma distribuição igualitária dos lucros em ação solidária não seria necessário a existência de ordens, regras, e determinações. Só há resistência ao trabalho por este ser realizado de forma opressiva e exploradora. Como dito anteriormente, a relação de dominação objetiva apenas o acúmulo para aqueles que já são beneficiados pelo atual sistema. Por certo, é desinteressante para a classe operária trocar sua força de trabalho, seu vigor, sua própria liberdade por insignificante preço. A resistência é tão certa como a exploração. Deste modo, Pannekoek (2011) destaca que todos aqueles que participam do trabalho e da produção podem estabelecer para si formas internas de organização coletiva construindo para si as próprias vias de diálogo. Essa forma organizativa pode ocorrer mediante a nomeação de porta-vozes, e não de líderes

burocratas, de forma que possam ser removidos ou substituídos caso exista necessidade, evitando possíveis centralizações de poder. A auto-organização dos trabalhadores no interior das fábricas é uma forma justa de administrar a sociedade. Pannekoek nos trás um pensamento que supera as formas existentes de se pensar. Na atualidade, são poucas as pessoas que se preocupam ou refletem sobre novas formas de organização social, mesmo sentindo tais necessidades. Em outras palavras, pensar em uma sociedade diferente da atual torna-se um exercício difícil para aqueles que vivem nessa e para essa sociedade.

No atual modelo social somos condicionados a pensar e agir não como queremos, mas da forma que os modos de produção nos condicionam. A iniciativa dos conselhos de fábrica viabiliza a luta direta da classe operária em prol das suas necessidades. A auto-organização da classe trabalhadora em conselhos fere diretamente os interesses do capitalismo, que fundamentam-se na heterogestão social. A autogestão da classe trabalhadora articulada no interior das fábricas rompe totalmente com as políticas dominantes, levando à falência as intermediações burocráticas e hierárquicas entre elas. É um caminho seguro para emancipação completa da classe trabalhadora da sociedade burguesa. A mobilização em ação direta nega todas as formas de intermédio, como afirma Pannekoek:

A autogestão é um sistema de organização que tem como princípio os conselhos operários. Esse sistema de conselhos estabelecerá a forma do possível autogoverno. Na organização de conselhos, a democracia política desaparece por completa, deixando lugar a economia socializada. (PANNEKOEK, 1977, p.83)

É importante destacar que este modelo organizacional não surge da ideia de um único indivíduo, na realidade é fruto de um longo processo de avanços e recuos das lutas trabalhistas frente às instabilidades do capitalismo, é o resultado de uma autoeducação da classe operária que vem sendo construída no decorrer da sua história. Viana (2011) nos coloca que o processo de destruição do capitalismo é simultaneamente o de construção da autogestão social, sendo assim, novos valores serão estabelecidos, não por imposição, mas por uma exigência natural da nova forma de produzir a vida. Sem exploração, sem classe, sem patrões, e sem empregados. É importante lembrar que tais ideias não refletem um “franciscanismo”, ou um voto de pobreza coletivo, muito pelo contrário, a socialização da riqueza no interior das fábricas é lutar pela liberdade, igualdade, e a fraternidade. Distante de um pensamento antecipador com bases estritamente abstratas, os conselhos de fábricas assim como a autogestão social são movimentos apoiados em

realizações histórico-concretas, e só a dinâmica das lutas de classes poderão definir o momento e a forma que se efetivará. O que sabemos é que se estabelecerá por uma necessidade social e coletiva de todos, quem sabe um grito de socorro tanto da humanidade como da natureza diante do câncer social que destrói a lógica da vida, o câncer chamado capitalismo.

Existe uma distinção fundamental entre utopia abstrata, como resultados de pensamentos oriundos da imaginação de um único indivíduo, e utopia concreta, que se fundamenta na expansão do homem em diferentes sociedades, seus conflitos sociais, morais, culturais, éticos, até chegar na sociedade atual. É possível perceber na história esboços da auto-organização dos trabalhadores durante a comuna de Paris, a primeira república operária da história, na revolução Russa de 1905, no seu reaparecimento em 1917, na guerra civil espanhola, dentre diversas outras experiências.

A organização em conselhos não pode ser comparada ou confundida com algum tipo de governo, o princípio desse modelo organizacional fundamenta-se única e exclusivamente na socialização da produção e da vida, que encontra-se alienada nos setores políticos e econômicos da sociedade de classes. A organização em conselhos nega toda decisão tomada de forma pessoal, ou sobre o mando de um determinado grupo. Os conselhos de fábrica tornam-se fortes bases de luta e resistência a favor dos trabalhadores em oposição às ditaduras capitalistas.

Em resumo, no texto busquei sintetizar a ideia de que tanto os partidos políticos, assim como os sindicatos, são organizações que buscam na atualidade alienar a classe operária em burocracias diversas. Que por sua vez, tende a se organizar e resistir a todas imposições dominantes. E que a autogestão social é uma via segura para se estabelecer as novas formas de organização social em favor da vida humana. A autogestão social é aquilo que Marx chamou de comunismo, e que teve seu sentido modificado por alguns ideólogos ao decorrer da história.

Referências

MAIA, Lucas. *Comunismo de Conselhos e Auto Gestão Social*. Pará de Minas:Virtual Books, 2010.

PANNEKOEK, Anton. *Partidos, Sindicatos, e Conselhos Operários*. Rio de Janeiro:Rizoma, 2011.

TRAGTENBERG, Mauricio. *Reflexões sobre o socialismo*. São Paulo:Unesp, 2008.

VIANA, Nildo. *O que são Partidos Políticos*. Goiânia: UFG, 2003.

Resumo: O presente texto fará uma análise sobre a ação institucional dos partidos políticos e sindicatos na contemporaneidade. Objetiva-se apontar as contribuições dadas por estas organizações representativas e as medidas a serem tomadas para a sua superação. Para melhor compreensão do tema utilizaremos como base metodológica o materialismo histórico dialético. Concluindo então com uma abordagem sobre os conselhos de fábrica como expressão do proletariado diante das determinações unilaterais de um Estado capitalista.

Palavras-chave: Partidos políticos, Sindicatos, Conselhos de fábrica.

Abstracto: Este texto hará un análisis de la acción institucional de los partidos políticos y los sindicatos en la época contemporánea. El objetivo es señalar los contribuciones dadas por estas organizaciones representativas y las medidas que deben adoptarse para superarlos. Para una mejor comprensión de la materia utilizará como base el materialismo histórico dialético metodológica. Luego de concluir con una discusión de los comités de empresa como expresión del proletariado frente a las determinaciones unilaterales por parte del estado capitalista.

Palabras clave: Partidos políticos, Sindicatos, Comités de empresa.